

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**A afetividade na educação infantil com foco na relação de  
professora-criança**

**MARINA VALGAS DE SOUZA**

Florianópolis – SC  
2020

**MARINA VALGAS DE SOUZA**

**A afetividade na educação infantil com foco na relação de  
professora-criança**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Graduação em Pedagogia do Centro de  
Ciências de Educação da Universidade da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
como requisito para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Toaldo Bello  
Coorientadora: Prof.<sup>a</sup>. Me. Carolina Votto

Florianópolis – SC  
2020

Dedico esse trabalho à minha amada família, Marilene, Pedro, Francini, Grazieli, Luan, Leonardo e Bernardo que no decorrer do tempo, contribuíram cada um a seu modo para que esse sonho se tornasse realidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Nosso Senhor Jesus Cristo e a Nossa Senhora Aparecida pela concretização deste sonho. Por ter me dado força, inteligência, sabedoria, saúde, garra, determinação e fé. E também a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram na execução deste trabalho.

Aos meus pais, Pedro e Marilene, que acreditaram nos meus sonhos sempre me incentivando e apoiando, estando presentes nas horas de alegria, tristeza e apavoro.

As minhas irmãs, Francini e Grazieli, conselheiras, amigas, que entenderam os meus choros, se alegraram com minhas vitórias e me apoiaram firmemente nas dificuldades.

Ao meu cunhado, Leonardo, pela amizade, apoio, respeito e momentos descontraídos de conversas, buscando compartilhar ideias e sonhos.

Aos pequenos, Bernardo e Marina, por compartilharem comigo seus abraços, beijos e momentos que me fizeram sorrir. E por me fazerem sentir capaz de agir como pedagoga.

Ao meu namorado Luan, pela dedicação oferecida, pelos momentos de companheirismo e pela compreensão do stress e momentos de ausência.

As professoras Esther Arnold e Shandi Cardoso, exemplos de profissionalismo, por quem tenho grande carinho e admiração, agradeço pelos incentivos e amizade.

Aos professores Carolina Votto e Alexandre Bello por entender e respeitar meu processo pessoal e acadêmico e pelas orientações.

As professoras que contribuíram positivamente na avaliação do trabalho, como bancas examinadoras, Kátia Agostinho e Zoleima Rodrigues.

A minha amiga Thamara, pela amizade, pelo incentivo, pela ajuda, pelas boas gargalhadas e choros que estiveram presentes nesse momento.

Ao meu grande amigo Marcos Decker, por quem tenho hoje grande consideração, ao me acompanhar na caminhada de fé, por saber ouvir e mostrar o caminho de Deus.

Aos professores, crianças e funcionários que dividiram comigo o caminho da educação e que contribuíram enormemente para a realização da pesquisa.

A todos aqueles não mencionados aqui, o meu “Muito Obrigada”, por terem compartilhado comigo a longa caminhada em busca da concretização deste estudo.

" Para entender o que o outro diz, não basta entender suas palavras, mas também seu pensamento e suas motivações."  
(Vygotsky)

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa partiu das minhas experiências observadas e refletidas como criança ou profissional da educação, envolvendo pesquisas de autores que estudam e afirmam a importância da afetividade nos espaços de convívio, baseando-se nas teorias psicogenéticas de Henri Wallon e Lev Vygotsky. Trago a carga biográfica para o meu trabalho, inclusive reflito meu ser professora, e, portanto, acho importante destacar que isso tem uma relação com o conceito de experiência. Com isso, buscou-se identificar a presença da afetividade nas relações de interação entre a professora e as crianças, bem como também a contribuição da família para a afetividade. Com o trabalho de conclusão de curso, tenho a intenção de apresentar as experiências vivenciadas por mim no meio escolar na qual fiz e ainda faço parte, trazendo autores da área que confirmam ou contradizem a prática por mim realizada. Por fim, apresento algumas considerações no intuito de apontar caminhos para que as atuais docentes reflitam sobre a importância da afetividade na prática pedagógica na educação infantil. Contribuindo, dessa forma, para um fazer pedagógico na qual as professoras tenham um olhar mais sensível para as crianças, construindo assim uma educação que seja emancipadora.

**Palavras – chave:** Educação infantil, afetividade, professora, criança

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DA AFETIVIDADE .....</b>	<b>12</b>
2.1 CONCEITOS BÁSICOS DE AFETIVIDADE E EMOÇÕES .....	12
2.2 AFETIVIDADE SEGUNDO VYGOTSKY .....	18
2.3 AFETIVIDADE SEGUNDO WALLON .....	21
2.4 CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA PARA A AFETIVIDADE.....	24
2.5 LIGAÇÕES AFETIVAS NO ESPAÇO DE CONVÍVIO .....	28
<b>3 AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>31</b>
3.1 RELAÇÃO PROFESSORA – CRIANÇA .....	32
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é construído a partir de experiências profissionais de uma mulher que hoje busca realizar seus sonhos pouco a pouco, trazendo sempre em suas práticas, profissional e pessoal, algo que sua família tem em comum: o amor pelas crianças e a certeza que todas precisam de carinho e atenção. Desde pequena meu sonho sempre foi ser professora. Minhas brincadeiras eram com bonecas e em todos os momentos “exercia” o papel de professora, mesmo que alguém não pedisse. Eu sonhava que um dia teria a minha própria escola e a minha base – minha família – me incentiva até hoje para que esse sonho se torne realidade.

Trago a carga biográfica para o meu trabalho inclusive refletindo o meu ser professora, e, portanto, acho importante destacar que isso tem uma relação com o conceito de experiência do pensador Jorge Larrosa que está na obra denominada “Tremores escritos sobre experiência”.

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.” (LARROSA,2014, p.18)

Diante deste pensamento, o meu trabalho de conclusão no curso de Pedagogia tem a intenção de apresentar as experiências vivenciadas por mim no meio escolar na qual fiz e ainda faço parte, trazendo autores da área que confirmam ou contradizem a prática por mim realizada. Tendo como foco o tema afetividade, essa pesquisa se refere à modalidade de ensino da Educação Infantil, tendo em vista que atualmente trabalho com está e as minhas experiências se deram na educação infantil. Sendo assim, o foco dessa pesquisa é a relação da professora com as crianças. As questões que percorrem este trabalho são indagações presentes no meu dia-a-dia e que levam a pensar mais sobre a educação afetiva que, diariamente, busco colocar em prática.

A afetividade na educação infantil é um assunto discutido com frequência no curso de graduação em Pedagogia. Onde o foco é sob o olhar humano e sensível diante das crianças, e nessas discussões são relatadas diversas situações totalmente constrangedoras na relação professora com as crianças. A

partir disso, vejo a necessidade de colocar como problema da pesquisa os relatos de minhas vivências e investigar junto a autores que afirmam sobre a importância do afeto dentro das instituições de educação infantil, tendo como base as faixas etárias de três anos a cinco anos.

Este trabalho de conclusão de curso tem enquanto perspectiva também compartilhar o meu encantamento e aprofundar o conhecimento pela relação entre professora e criança, baseada na afetividade. A metodologia adotada para o desenvolvimento deste estudo, foi realizada a partir do levantamento de pesquisa no repositório institucional da Universidade Estadual Paulista (UNESP<sup>1</sup>) - Campus de Presidente Prudente-SP. Fazendo o levantamento foi possível obter o total aproximadamente de quatro trabalhos que fazem referência à afetividade com ênfase na educação infantil.

Entre eles, utilizei como referência para o meu trabalho a dissertação denominada “A afetividade nas práticas pedagógicas: atitudes e expressões verbais nas interações professora- crianças, sob a perspectiva de Henri Wallon” (GALLIANI, 2013). A autora investigou a presença e características da afetividade nas relações de interação de uma professora de educação infantil, sob a perspectiva da teoria Walloniana.

Para dar conta do problema de pesquisa proponho que o objetivo geral desse estudo seja levantar junto aos autores como a afetividade pode ser explorada positivamente, no sentido de servir como aspecto colaborador para o desenvolvimento cognitivo e moral da criança na educação infantil. Além disso, como pode ser colocado em prática no processo educativo. Nesse contexto investigativo, os objetivos específicos visam: investigar como ocorre o desenvolvimento das crianças da educação infantil por meio do mapeamento das ações afetivas; identificar se a afetividade colabora para a relação professora-criança e para o processo ensino – aprendizagem; e analisar como a afetividade contribui para a formação cognitiva e moral do sujeito.

---

<sup>1</sup> Primeiramente fomos ao banco de teses e dissertações da CAPES que permitiu que chegássemos até o banco de teses da UNESP. Sendo assim, a partir deste banco de teses escolhemos a dissertação que aborda e concorda com os argumentos apresentados no meu trabalho de conclusão de curso. Junto disso, a autora traz em sua dissertação, autores que também trago em meu trabalho.

O desenvolvimento do tema justifica-se pelo fato de ter experienciado situações em que fui exposta de forma negativa pela professora durante atividades em que tive dificuldades, estas experiências reverberaram nas minhas vivências posteriores, principalmente em processos avaliativos. Quando iniciei minha prática no estágio não obrigatório, revisitei minhas memórias de escola ao presenciar cenas parecidas com as quais vivenciei. Sempre fui encantada pela carreira do magistério, me formei no ensino médio com a certeza que futuramente seria docente e todo esse sonho se deu pelo episódio que vivenciei no meu tempo de escola. Com o passar dos anos, comecei a cursar pedagogia na Universidade federal de Santa Catarina (UFSC) e nada mudou. Por todas as escolas que entrei e que atualmente trabalho continuo presenciando cenas que professores se colocam com autoritarismo diante das crianças.

Assim sendo, a decisão para a pesquisa tomar essa direção foi dada por meio da minha inquietação nos estágios não obrigatórios e dos episódios que presenciei durante a minha infância, todos realizados em instituições de rede privada. No decorrer do trabalho trago a palavra professora no feminino, pois atualmente tanto no curso de pedagogia da UFSC, quanto no contexto da educação infantil nos deparamos com um número expressivo de mulheres, existem homens, mas são uma minoria na posição de docentes e futuras docentes.

Assim sendo, apresento aqui a forma que o trabalho foi estruturado. Na primeira seção trago o desenvolvimento na educação infantil por meio da afetividade, contando um pouco sobre os conceitos básicos de afetividade e emoções. Logo adiante apresento a afetividade de acordo com as especificidades de Vygotsky e Wallon, no intuito de falar um pouco sobre o conhecimento dos autores que de alguma forma me identifico em relação à afetividade.

Na segunda seção, trato da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, trazendo um pouco sobre a relação entre professora e criança com base na afetividade. Afim de discutir, a importância de nos colocarmos de igual para igual diante das crianças, enquanto professora na educação infantil e no contexto atual do século XXI, pois percebo que as crianças estão diariamente tendo contato com atos de violência, palavrões, bullying, seja pela televisão ou as redes sociais.

Sendo assim, percebo que as crianças precisam de um olhar sensível, carinho e uma atenção necessária para que compreendam a importância e as potencialidades que carregam consigo. Com isso, concordo quando a professora Consoni (2019, s/n) fala que as crianças:

[...] devem ser tratadas com dignidade e viver num ambiente saudável, longe de qualquer tipo de exploração, agressão, descuido e discriminação. Neste contexto, vale destacar que a infância nem sempre recebeu tanta importância quanto hoje. Ser criança no século XXI significa ter uma série de direitos como educação, saúde, alimentação e o fundamental direito à vida.

Por fim, apresento algumas considerações no intuito de apontar caminhos para que as atuais docentes reflitam sobre a importância da afetividade na prática pedagógica na educação infantil. Contribuindo, dessa forma, para uma educação aonde as professoras tenham um olhar mais sensível com as crianças e que a educação seja emancipadora.

## **2 DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DA AFETIVIDADE**

Nesta seção serão desenvolvidos temas relacionados a conceitos básicos de afetividade e emoções, a afetividade segundo Vygotsky e Wallon, as contribuições da família para o processo da afetividade, além de refletir acerca da importância das ligações afetivas no espaço de convívio.

### **2.1 CONCEITOS BÁSICOS DE AFETIVIDADE E EMOÇÕES**

Antes de iniciar este processo de pesquisa eu compreendia que as palavras afeto e emoção poderiam ser consideradas como sinônimos e que ambas estavam relacionadas somente a coisas positivas. Primeiramente, pensei em trazer somente os momentos por mim vivenciados positivamente, mas ao ler os autores pesquisados, percebi que existe uma dimensão conceitual mais ampla em torno destes dois conceitos, que serão explorados a seguir.

Afeto e emoção são atividades que estão interligadas e não podem ser caracterizadas como sinônimos. Amaral (2019, s/n), observa que o afeto

[...] é um termo mais genérico, que abrange as sensações experimentadas, englobando tanto as emoções quanto os sentimentos; já a EMOÇÃO é a expressão afetiva intensa dirigida a alguém ou alguma coisa, sendo na maioria das vezes de curta duração e geralmente acompanhadas de reação fisiológica como o choro, tremor nas pernas, taquicardia e sudorese.

Uma das possibilidades de se aproximar do entendimento que a palavra afeto pode ter, deriva da sua origem no latim (*affectus*), possuindo o significado de “afetar-se”. Considero como afeto o contingente do que me comove e cause sensibilização. Acredito que por estarmos vivos, somos passíveis de ser afetados pelos acontecimentos que se apresentam, e no contexto escolar, não seria diferente, em muitas experiências fui tomada por emoções que chegam desde um abraço na hora do choro até o momento de falta de cuidado diante uma dificuldade.

Segundo Almeida (2000, p.86)

“Somos pessoas completas: com afeto, cognição e movimento, e nos relacionamos com um aluno, também pessoa completa, integral, com afeto, cognição e movimento. Somos componentes privilegiados do meio de nosso aluno”.

Inicialmente, a afetividade pode trazer a ideia de segurança, uma vez que ao receber apoio do educador, a criança tem mais autonomia para fazer e desenvolver suas próprias atitudes. No entanto, o apoio afetivo vai além. A interação com os outros sujeitos promove o desenvolvimento físico, intelectual e cognitivo do indivíduo, e a afetividade nestes contatos traz diversos sentimentos - como o amor e o ódio - e suas respectivas reações.

A emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos, desde o ventre materno; mesmo nos primeiros momentos da vida, a criança se comunica por meio de impulsos emocionais. Em seus estudos, Wallon (1978, *apud* TASSONI, 2013) ressalta que é importante observar o todo: gesto, olhar, expressão facial, pois a afetividade está ligada ao todo.

Partindo do pressuposto que a afetividade vem de tudo que nos toca, é necessário compreender que quando falamos de afeto, falamos também sobre os limites e frustrações, pois gera comoção e faz parte da relação da natureza e cultura. A criança que não é educada desde cedo a lidar com limites e encontrar de maneira autônoma resoluções para as suas próprias questões, é frustrada

com a sua autonomia, pois pode acreditar que alguém deve sempre atender a todas as suas necessidades, seja essa pessoa, pai, mãe ou professora. Sendo assim, nos faz entender que a superproteção muitas vezes é ruim, pois a criança “precisa de espaço para lutar, ficar frustrada e falhar. Além disso, precisa de limites para experienciar as consequências de seu comportamento.” (YONTEF, p.46,1998)

Quando falo em autonomia, logo penso em um sujeito que consegue realizar as coisas sem o auxílio de outra pessoa, sendo assim um indivíduo independente. A partir de pesquisas realizadas o dicionário Aurélio, diz que autonomia significa: “Faculdade de se governar por si mesmo; Direito ou faculdade de se reger (uma nação) por leis próprias; Liberdade ou independência moral ou intelectual; Ét. Condição pela qual o homem pretende escolher as leis que regem sua conduta.”

Sabendo disso, é possível entender que conforme a criança vai crescendo ela vai adquirindo a liberdade de tomar as suas decisões, de andar sozinha e até mesmo de pegar o seu brinquedo sem a ajuda de um responsável. Porém, vale ressaltar que se o adulto não tiver essa percepção irá continuar tomando as decisões pelas crianças, fazendo com ela não desenvolva a autonomia. Sendo assim, quando precisar realizar algo sem a ajuda do responsável pode haver uma certa dificuldade ou até mesmo insegurança.

Segundo Galiani (2013, p.78)

A promoção das interações e das brincadeiras deve assegurar às crianças a manifestação de seus interesses, desejos e curiosidades ao participar das práticas educativas, bem como devem valorizar as produções individuais e coletivas, e, sobretudo, trabalhar com a conquista da autonomia das crianças. Para tanto, as crianças precisam ser colocadas em situações que possam realizar sozinhas os cuidados pessoais e ter a oportunidade de escolher as brincadeiras e atividades que desejam realizar.

A criança vem com o saber dela, mas quando inserida no processo social, a vida civilizada faz com que ela precise conhecer os limites por meio das frustrações determinadas pela natureza humana. Por mais difícil que seja lidar com as frustrações, ela é essencial no desenvolvimento do indivíduo. Gaspar e Abreu (2018, p.148) relatam que:

As primeiras experiências que fornecem a base para as aprendizagens infantis ocorrem na relação com seus pais – ou com quem assume as funções parentais. Logo, também é nesse relacionamento, primordialmente, que a criança aprenderá como lidar com os limites e as frustrações.

A frustração pode estar ligada com o reconhecimento de limites e regras, é importante que a criança entenda que nem sempre vamos poder fazer o que desejamos. A frustração ainda pode ter ligação com o ganhar e perder, isso é uma forma de fazer com que a criança entenda que nem sempre ela vai ganhar em algum jogo. Como professora consigo explicar para as crianças que o mais importante não é o vencer e sim participar da atividade.

Em virtude do que foi mencionado, é possível trazer uma experiência vivenciada por mim enquanto professora. No horário do parque ou até mesmo depois da aula de educação física, as crianças andam em minha direção e muitas vezes choram pelo fato de não ter pulado mais corda que a outra criança ou que não achou o brinquedo que o colega escondeu.

A partir disso, chamo, sento a criança comigo, procuro acalmar perguntando se ela gostou da brincadeira e se está chorando pelo fato não ter alcançado o que almejava. Na maioria das vezes recebo a resposta “SIM”, então explico que nem sempre vamos conseguir o que queremos e que não tem problema algum ela não ter ganho na brincadeira. Com isso, apoio a criança para que nunca desista de brincar e que procure se preocupar mais com o fato de brincar.

O apoio e a confiança possibilitam o desenvolvimento de qualquer habilidade necessária; os estímulos que os mediadores entre a criança e o mundo externo, estabelecem permite que a criança explore o mundo. Todavia é importante que o educador tenha claro que para elaborar e desenvolver atividades estimulantes, se faz necessário ter como objetivo o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor da criança.

Percebo que a afetividade, de certo modo, é um dos pontos importantes na vida humana. Ao estudar a criança, o educador francês Henri Wallon não coloca a inteligência como o principal componente do desenvolvimento, mas defende que a vida psíquica é formada por três dimensões - motora, afetiva e cognitiva - que coexistem e atuam de forma integrada. Como aprendido na graduação, concordo que a nossa mente opera sobre estímulos que são

recebidos de fora, logo as condições orgânicas e as condições do mundo externo são as grandes mantenedoras da existência e do desenvolvimento humano.

Para Wallon (1978), o desenvolvimento do pensamento infantil não ocorre de forma contínua, ele é marcado por crises e conflitos. Sendo assim, as crises muitas vezes são meios que incentivam o processo do amadurecimento da criança e a partir disso vem à tona a inteligência e o pensamento. Wallon (1978) em seus estudos apresenta dois tipos de pensamento: Objetivo e simbólico. O pensamento objetivo é feito de modo sensível e reflexivo, envolvendo o sentir, o pensar, o sonhar e o imaginar. É por meio da afetividade que se acessa o pensamento simbólico, implicando nos avanços do pensamento objetivo. Pensamento esse que remete ao que se encontra ao nosso redor e que seja perceptível pelos nossos cinco sentidos – audição, paladar, olfato, tato e visão.

A afetividade está muito presente no processo de aprendizagem, principalmente quando se trata da educação infantil. No contexto da educação infantil - tendo como base uma das faixas etárias (três a cinco anos) - a construção do limite é muito importante para a constituição de um indivíduo, cidadão de direitos e com a consciência de que também tem deveres.

Referente aos limites, Zeni (2012, p.15) relata que:

Todo ser humano precisa de limites sim, é preciso aprender o que é certo e o que é errado, mas também é preciso receber carinho e amor. Um educando aprende o que é respeito e passa respeitar o outro a partir do momento em que vê o educador como um amigo que tem e espera respeito, como alguém que se preocupa de verdade com ele e que lhe mostra os caminhos.

Portanto, por meio da afetividade consigo mediar às crianças para o desenvolvimento das suas estruturas cognitivas. O afeto não se resume só em manifestações de carinho físico, mas principalmente em uma preparação de natureza cognitiva.

Segundo Almeida (2001, p. 02):

Embora sejam geralmente confundidas, essas formas de expressão são diferentes. Enquanto as primitivas manifestações de tonalidade afetiva são reações generalizadas, mal diferenciadas, as emoções, por sua vez, constituem-se em reações instantâneas e efêmeras que se diferenciam em alegria, tristeza, cólera e medo. Já o sentimento e a

paixão são manifestações afetivas em que a representação se torna reguladora ou estimuladora da atividade psíquica.

A partir dos referenciais teóricos citados anteriormente, consigo perceber que a afetividade se manifesta de formas e expressões variadas, não somente a partir da linguagem oral comumente conhecida. A expressão corporal, visual e de voz são tão afetivas quanto palavras e frases propriamente formadas. Ao responder SIM gritando ao pedido de uma criança, é possível que a impressão que marque seja o grito e a grosseria, e não a resposta/palavra positiva – SIM.

Posso trazer um exemplo observado por mim em uma escola que trabalhei, onde as crianças muitas vezes eram repreendidas pelos gritos da professora. Enquanto pessoas passamos por muitas coisas e entre elas perdemos objetos ou esquecemos como fazer diversas coisas. Com as crianças as circunstâncias não são tão diferentes e elas precisam mais do que nunca, da nossa ajuda.

Enquanto estávamos em nosso horário de parque ou até mesmo no horário das refeições das crianças, elas recorriam a nós pedindo ajuda para realizar algo. Eu busco em minha prática pedagógica, ter o olhar sensível para as crianças e mostrar os diversos caminhos que elas podem escolher para solucionar as questões. Porém, é possível perceber que a professora<sup>2</sup> não se manifesta no sentido de auxiliar a criança, manifestando expressões como e responde da seguinte forma: “Ai não sei, vai lá e dá o teu jeito”. Confesso que escutava diariamente essa frase, e o meu coração sempre doía. A partir disso, a minha vontade de falar sobre a afetividade foi criando forças e pesquisando descobri que isso também pode ser considerado afetividade.

Esclareço como é importante identificar que a nomenclatura afetividade é a dimensão maior do campo dos afetos e não se demarca somente como algo que socialmente se entende por positivo (manifestação de amor e de carinho). A afetividade está ligada a tudo que nos afeta, e nessa perspectiva a raiva e o ódio também são considerados integrante deste termo. Portanto, existem diversas

---

<sup>2</sup> A professora que faço referência aqui, é alguém que trabalhei, como auxiliar de sala;

maneiras para demonstrar a afetividade, e ela é expressão de sentimentos, de emoções e de sensações.

Além da experiência relatada acima, percebo que são muitos os autores que tenho como base para falar sobre a afetividade, porém, a seguir trago mais claramente somente dois autores Lev Vygotsky e Henri Paul Hyacinthe Wallon.

## 2. 2 AFETIVIDADE SEGUNDO VYGOTSKY

Lev Vygotsky<sup>3</sup> foi um psicólogo e um autor importante da psicologia da educação, trazendo em seus estudos o conceito da aprendizagem mediada, cuja suas ideias são influências nos dias de hoje. (RABELLO; PASSOS, 2010). Vygotsky foi o autor da Psicologia histórico-social, também conhecida como psicologia interativista sócio-cultural. Ele foi o primeiro psicólogo moderno a enfatizar que o desenvolvimento do indivíduo se dá por meio da relação com o outro, com o mundo. (KOCHANN; ROCHA, 2015).

Para Vygotsky (1996), o professor é figura essencial do saber por representar um elo intermediário entre a criança e o conhecimento disponível no ambiente. O psicólogo ressalta também o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. A partir da concepção da psicologia histórico – social é possível ver o indivíduo como ser ativo, social e interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação. Assim, os pensamentos psicológicos, materiais e sociais não estão dissociados. Pois, o pensamento vai ter a forma que a cultura leva a ter. É por meio do contato com a cultura que vai se dar o desenvolvimento.

Vygotsky (1996) traz o desenvolvimento em dois processos diferentes, mas complementares, a maturação e o aprendizado. O processo de maturação é o que cria certas capacidades que vão tornar possível a aprendizagem, para isso a linguagem falada ou pensada tem um papel de destaque e é desenvolvida em uma sequência. Primeiro a função indicativa que é o pensamento universal, depois a função significativa, ou seja, pensamentos concretos construídos pela

---

<sup>3</sup> Nasceu em 1896 na Bielo-Rússia, na cidade de Orsha em pleno Império Russo. Morreu de tuberculose em 1934, antes de completar 38 anos, deixando contribuições significativas para se pensar a educação. Lev Vygotsky é contemporâneo do psicanalista e professor Jean Piaget.

experiência direta da criança com o mundo social. E por último a função formal que envolve a construção de conceitos simbólicos.

O papel da escola, segundo o autor, entra no momento que ajuda a criança desenvolver o pensamento formal. Vygotsky (1996) em seus estudos traz uma nova perspectiva de olhar às crianças, sendo assim, acredita que nem todos aprendem da mesma forma. O nível de desenvolvimento real de uma pessoa se refere a capacidade de resolver alguns problemas, de formas independentes por meio de funções já amadurecidas.

Para Vygotsky (1989), o nível de desenvolvimento real da criança é o nível mental que ela já determina o desenvolvimento completo. Quando a criança faz tarefas que aprendeu a dominar e já consegue fazer sozinha sem ajuda de pessoas mais experientes. Posso trazer como exemplo, a situação de uma criança amarrar o tênis.

Na escola que atuo como professora da educação infantil, presenciei um episódio onde algumas crianças de cinco anos não sabiam amarrar seus tênis e nem colocar suas meias. Tendo em vista que nós professoras conhecíamos o potencial delas, nos mobilizamos dentro do grupo de docentes e entre o grupo da sala, e mostramos como fazemos para amarrar o cadarço. Trouxemos livros que precisam desamarrar para abrir e amarrar para fechar e entre outras formas lúdicas mostramos que todas as crianças são capazes de vestir suas meias e calçar seus tênis sem a ajuda de professoras e pais.

Na comparação do nível de desenvolvimento real com o nível de desenvolvimento potencial, que é a capacidade de resolver problemas sob orientação da professora, o autor fala que existe a zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Portanto, são as funções que ainda não estão amadurecidas e que precisam do estímulo da professora. Segundo Vygotsky (1989, p.58)

[...] a zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também àquilo que está em processo de maturação.

É na zona de desenvolvimento proximal que a aprendizagem ocorre. A função de uma professora, por exemplo, seria, então, a de favorecer esta aprendizagem, servindo de mediador entre a criança e o mundo. Sendo assim,

de acordo com Monroe (2019), Vygotsky destaca que a professora que já conhece o potencial de cada criança, realiza estímulos para que elas se apropriem do que ela é capaz. Portanto a professora é a mediadora de cada indivíduo, ajudando-o interagir com o outro e consigo mesmo. E assim alcançar o que é capaz e não o melhor do que o outro alcançou, sendo assim, ajudando a chegar no seu potencial.

Reconhecendo que na atividade de amarrar o tênis, nós professoras éramos as mediadoras da situação, incentivamos de diversas formas para que eles conseguissem amarrar. Quando recorriam a nós para amarrar, pedíamos que primeiro tentasse três vezes e caso viesse a não conseguir, ajudaríamos. Encerramos o ano letivo com a grande maioria das crianças sabendo amarrar e o retorno que nós, docentes, recebemos foi gratificante. Vivenciamos momentos que quem já sabia ajudava e também incentivava as outras crianças. Para nós não teve reconhecimento melhor do que ver o sorriso brilhando em seus rostos e escutar a seguinte frase: “Prof, olha só, agora eu já sei amarrar o tênis e colocar as minhas meias sozinha.”

Ao relatar essa experiência, me permito citar outras diversas atividades que enaltecem a autonomia das crianças, como desde ensinara tirar o casaco do avesso até o exercício de se servirem sozinhos e terem a autonomia que do que queriam colocar em seus pratos na hora da refeição. E novamente mais uma frase aparecia: “Prof, eu não gosto dessa salada, mas vou experimentar. Se eu não gostar, coloco do ladinho”.

É importante relatar que a relação com a infância no contexto da educação infantil é diferente dos ensinamentos posteriores. Pois, a rotina e a própria noção de educação são diferentes, na educação infantil nós não trabalhamos com a noção de “ensino” e sim de “educação”. Dessa forma, a mediação se processa pela utilização de instrumentos e signos que possibilitam, pela interação social, a transformação do meio e dos sujeitos.

Segundo Bastos e Pereira (2007), Vygotsky e Wallon “concordam que o sujeito é determinado pelo organismo e pelo social que estrutura sua consciência, sua linguagem, seu pensamento, a partir da apropriação ativa das significações histórico-culturais.” Com isso, se faz possível perceber que ambos os autores estudaram e pesquisaram sobre o desenvolvimento do sujeito, trazendo assim uma importante contribuição para a educação. Fazendo também

com que nós pedagogas tenhamos uma base para um melhor conhecimento, ampliando assim os nossos olhares.

A partir do que foi falado sobre Vygotsky posso trazer uma experiência prática que confirma a importância da mediação entre o que as crianças já sabem e em que ponto elas precisam chegar. Durante as práticas exercidas na escola em que atualmente trabalho, foi possível reconhecer diversas coisas que cada criança consegue realizar com uma determinada idade. Entre muitas as experiências vivenciadas, relato aqui aquela que no segundo semestre do ano de 2019 mais vivenciei.

Ao longo do período vespertino, eu deixava as garrafas cheias com água e a disposição da turma. No início do ano as crianças de três anos já sabiam o local que as garrafas de água se encontravam, porém não reconheciam qual era a sua. Portanto, todas as vezes que pediam água eu pegava as garrafas e falava “Olha que legal Gabriel<sup>4</sup>, sua garrafa é azul e tem um foguete!” e com isso a criança foi criando significados para associar qual era a sua garrafa. Esse trabalho foi realizado durante o ano todo, porém no segundo semestre Gabriel já sabia qual era a sua garrafa, então só pedia para tomar água e já se direcionava para a caixa que estavam as garrafas da turma.

Em minhas práticas pedagógicas busco fazer com que as crianças entendam o que estão fazendo. Sendo assim, como professora reconheço o potencial de cada uma, com isso, crio estímulos através de conversas, brincadeiras e até mesmo contação de histórias para que a criança se aproprie de suas potencialidades.

### 2.3 AFETIVIDADE SEGUNDO WALLON

Para falarmos de um assunto tão importante é necessário nos basear em pessoas que realmente entendem sobre isso, portanto também trago Henri Paul Hyacinthe Wallon para falar sobre a afetividade.

Para o autor Henri Wallon (2007) a afetividade pode ser conceituada como todo domínio das emoções, dos sentimentos, das experiências e, principalmente, a capacidade de entrar em contato com sensações, referindo-se

---

<sup>4</sup> Durante as experiências relatadas fiz o uso de nomes fictícios.

às vivências individuais e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas. Segundo Wallon (2007, p. 37)

O ato motor no ser humano garante desde o início a função de expressão da afetividade (por meio dos gestos, expressões faciais e agitação corporal). Essa atividade expressiva, possibilitada pela atividade motora, regula, modula e produz estados emocionais.

E ainda pode se dizer que:

À afetividade concernem, ao que tudo indica, as manifestações psíquicas mais precoces da criança. Ela está ligada desde o início a suas necessidades e automatismos alimentares, que são praticamente consecutivos ao nascimento. (WALLON, 2007, p. 64)

Na teoria de Wallon nos primeiros três meses de vida, a criança realiza movimentos impulsivos e aos poucos vai respondendo afetivamente aos seus cuidadores. Nesse estágio o afeto – que é o meio que é estabelecido o primeiro e mais forte vínculo entre as pessoas - está ligado ao movimento de troca, tal como o sorriso da criança manifestado a partir do sorriso do adulto que no momento é o meio que o bebê pode utilizar para conhecer o mundo externo.

Em seus estudos, o autor afirma que o desenvolvimento não se encerra na adolescência e sim permanece por toda a vida do sujeito. Traz apontamentos de que a afetividade e a cognição estão sempre em movimento, sendo assim, as vezes uma predominara mais que a outra, mas estarão em interação nas diversas aprendizagens. (WALLON, 2007).

Em cada um dos estados de desenvolvimento infantil descrito por Wallon (2007), sendo eles: o estágio impulsivo-emocional, o sensório-motor e projetivo, o personalismo e o categorial, a criança interage com o seu ambiente, com formas específicas enquanto busca construir a sua própria identidade. Cada estágio representa um tipo de preparação para o estágio seguinte, mas ao mesmo tempo revela rupturas que são próprios do desenvolvimento. O mesmo alterna entre fases, aonde a criança volta o seu olhar pra si mesmo e a fase onde a criança volta o seu olhar mais para o mundo externo. E no movimento que ela faz entre internalização e externalização, ela busca a sua autonomia.

Com isso, Galiani (2013, p.67) relata que:

Assim, temos que o avanço passa do plano concreto para o real, ou seja, a criança passa a agir e safar-se sozinha das dificuldades, conquistando sua autonomia de modo a empurrar as coisas, arrastar, subir, molhar-se e gritar o tempo todo que pode realizar tudo sozinha.

A teoria Walloniana traz em sua concepção psicogenética a contribuição para o entendimento do desenvolvimento do sujeito como pessoa integral. O autor indica em seus estudos que a interação com os outros sujeitos promove o desenvolvimento físico, intelectual e cognitivo do indivíduo, sendo assim, as emoções são consideradas como uma das expressões da afetividade, serve então como propiciadoras da comunicação social da criança. (WALLON, 2007).

Com base nos conceitos de Wallon posso trazer como exemplo prático duas experiências que vivenciei como professora e outro foi observada por mim enquanto auxiliar de sala, ambos em escolas particulares.

Enquanto professora da turma do integral da educação infantil, juntamente com a outra professora realizei um projeto, cujo, o tema era animais do jardim. Então pegamos livros na biblioteca, figuras na internet, vídeos, atividades e também trazíamos os animais conforme conseguíamos.

Trabalhamos alguns animais como o caracol, a formiga, a abelha, a minhoca, o grilo e a joaninha. Em cada dia, trazíamos o habitat, as cores e outras curiosidades do animal específico, juntamente com atividades para colorir com tinta guache, colar papel crepom ou picotar papéis para colar. Em todas as atividades queríamos que as crianças tivessem experiências, para que assim vivenciassem e entendessem mais o assunto.

Em um certo dia, conseguimos levar para a turma um pote com minhocas e colocamos em um outro recipiente – como a imagem abaixo possibilita apresentar - para que todos pudessem ver as minhocas se mexerem e que também pudessem pegar elas nas mãos. Foram muitas as crianças que tiveram medo e nojo, porém ao nos verem pegar tentaram tocar.



**Figura 1:** Professora Marina, turma do integral e a minhoca

São muitas as experiências que posso colocar no meu trabalho de conclusão de curso, porém escolhi somente mais uma para fazer relação com o que Wallon fala sobre trazer o concreto para o real através de experiências que causem respostas afetivas como o sorriso ou até mesmo o choro. Na seguinte experiência que vem a ser relatada, trago uma parte do trabalho da Simone da Silva Galiani, para dialogar com o meu pensamento diante da atividade observada.

Enquanto auxiliar de sala da educação infantil, observei atividades com tapete sensorial, onde a professora do maternal II - 3 a 4 anos - confeccionou o tapete com as crianças e foi trabalhado a reciclagem (material utilizado) e o movimento, trabalhando assim as diversas possibilidades de se expressar.

Sendo assim, segundo Galiani (2013, p.88) através da atividade que foi utilizado o movimento do corpo e diversas sensações foi possível:

explorar diferentes qualidades e dinâmicas de movimento, como força, velocidade, resistência e flexibilidade, conhecendo os limites e potencialidades do corpo; controlar o próprio movimento, aperfeiçoando seus recursos de deslocamento e ajustando habilidades motoras nas interações;

Com isso a ativação do pensamento toma sua direção e a professora pode trabalhar com as crianças o desenvolvimento do equilíbrio e da coordenação nas situações cotidianas, o reconhecimento das sensações corporais e o aperfeiçoamento das habilidades manuais e corporais. Fazendo assim, com que as crianças experimentassem as diversas sensações.

## 2.4 CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA PARA A AFETIVIDADE

A família é o primeiro grupo social que possibilita o desenvolvimento de uma criança, pois é no meio familiar que se encontra afeto, carinho, aprende sobre princípios, valores, respeito, cultura e ética. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB (Lei 9.394/96) é responsabilidade também dos pais o cuidado pela educação dos filhos, por isso é muito importante a integração da família no meio escolar.

A participação da família no ambiente escolar é importante, pois quando ocorre essa ligação entre a família e a escola, o corpo docente consegue de

forma ativa participar da vida da criança, conhecendo e percebendo melhor todas as especificidades da mesma. Com isso, eu consigo de forma mais tranquila elaborar aulas mais significativas, possibilitando o desenvolvimento do indivíduo no processo de ensino - aprendizagem.

A partir das minhas experiências enquanto professora da educação infantil, foi possível confirmar a minha valorização da ação das famílias juntamente com as instituições de educação infantil, para que assim o processo de educar e cuidar se complementem. Com isso é possível relatar uma experiência que vivenciei no segundo semestre do ano de 2019, que remete ao desfralde feito com algumas crianças da turma.

Enquanto pedagoga busco realizar um trabalho em conjunto com a família, sendo assim com o processo de desfralde não faria diferente. Eu espero as crianças apresentarem sinais como do tipo: se sentir incomodadas com o uso da fralda ou passar de mais um troca sem fazer xixi. Com isso, converso com a família, explico o que penso sobre e convido a família a querer trabalhar junto. Caso eu escute um “Não achamos que seja o momento”, eu procuro entender e aceito a decisão da família. Porque acredito que não é possível realizar o desfralde de uma criança na escola, sendo que, a família faz o uso da fralda em casa.

Se faz importante o acompanhamento da família no processo de aprendizagem, sendo ela a principal construtora de valores dos indivíduos que fazem parte da mesma. É importante observar qual deve ser o papel da família independentemente de sua estrutura social no processo educativo da criança, que ainda estão desenvolvendo seus valores e convicções. Conforme descrito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB (Lei 9.394/96) é possível afirmar que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (LDB/1996. art. 2º).

O apoio dos pais e uma boa relação no ambiente familiar, fazendo do lar a extensão da escola são fatores indispensáveis no processo educacional das crianças. Exemplo disso é a minha vivência no tempo de escola, quando fui

agredida verbal e fisicamente por uma professora. Com toda a situação precisei do apoio da profissional de psicologia, junto da ajuda de meus pais. Portanto meus pais recorreram a diretora da escola pedindo auxílio na conversa comigo, para que mesmo com o ocorrido, fizessem com que eu quisesse voltar a entrar na escola.

Diante do relato de minha vivência pessoal e do fato de ser uma pedagoga, foi possível confirmar a importância da participação da família junto a instituição educacional. Pois como as crianças deixam suas casas e famílias para entrar na instituição, é importante que as crianças entendam que estão em um local seguro e que seus responsáveis confiem na instituição de educação infantil.

Levando em consideração esses aspectos, entende-se e se faz importante que as famílias responsáveis pelas crianças, estejam prontas e se sintam à vontade para realizar um trabalho em conjunto com a instituição. Sendo assim, o trabalho precisa ser feito desde casa, para que as crianças entendam que no exato momento precisam ficar na escola e que mais tarde retornarão as suas residências. Com isso ir à escola pode se tornar algo alegre e não tão constrangedor para as crianças, pois os responsáveis passarão confiança para seus filhos.

A partir dos textos estudados na graduação e tendo também como base a dissertação de mestrado da pesquisadora Simone da Silva Galiani, é possível entender que no decorrer da história da educação infantil, ela teve o caráter assistencialista. Sendo assim, uma proposta educacional específica para as camadas mais pobres da sociedade, tendo como objetivo suprir as necessidades das crianças que pertenciam as famílias carentes de auxílio financeiro.

Portanto:

Entre os séculos XVI e XVII, com o surgimento das primeiras instituições de educação infantil ocorreram mudanças significativas relacionadas à infância: as reflexões sobre propostas de trabalho com crianças pequenas, novas teorias psicológicas e médicas, mudanças na forma de se entender a infância e o papel da criança na sociedade e a preocupação de como torná-la um indivíduo produtivo por meio da educação. (GALIANI, 2013, p.25)

Ao considerar a importância da história da educação infantil, é possível compreender que as professoras mantem enraizada em suas práticas pedagógicas o ato do cuidar. Sendo assim, acredito que a educação e o cuidado,

por mais que não sejam considerados sinônimos estarão interligados. É importante destacar, que nos deparamos com muitas crianças e muitas infâncias. Sendo assim, cada uma construída por nossos entendimentos sobre infância e do que as crianças são e devem ser.

Os termos educar e cuidar, relaciona-se ao percurso histórico das creches e pré-escolas no Brasil, sendo assim, sabendo que no projeto assistencialista o educar se fez presente, é importante relatar que esse processo culmina na atualidade. O educar e cuidar são indissociáveis e essenciais para uma educação dos afetos, por esse motivo não podem ser pensados separadamente. Segundo Cerisara (1999, p.6):

Se é dever do Estado e opção da família assegurar a educação da criança a partir do seu nascimento, em complementaridade com o papel e as ações da família nessa função, as instituições de educação infantil têm uma especificidade que as torna diferentes da família e da escola e que devem, devido à especificidade da faixa etária de suas crianças, desenvolver atividades ligadas ao cuidado e à educação dessas crianças.

Com isso, se faz importante lembrar que a questão em relação as famílias e a educação infantil perpassa a classe trabalhadora, sendo assim, nos deparamos com famílias que necessitam que a criança fique na instituição em período integral. Contudo, o educar e cuidar são igualmente importantes tanto no âmbito familiar, quanto na educação infantil. Segundo Haddad (2003, p.16):

A expressão “educação e cuidado infantil” propõe um terceiro modelo, um novo paradigma que indica a necessidade de uma aproximação entre as dimensões sociais e educacionais do atendimento em uma atenção conjunta às necessidades da criança e da família no contexto da modernidade

Sabendo que em uma turma da educação infantil vamos nos deparar com diversas classes sociais, com muitas e muitas infâncias. É preciso segundo Galiani (2013, p.34):

[...] encontrar meios para a criação de um ambiente democrático e crítico que possa confrontar as forças hegemônicas (relacionadas à supremacia de uma classe social sobre a outra) e universalizadoras (relacionadas à soma de forças para superar as dificuldades).

Levando em consideração as palavras de Galiani, é possível entender que nós pedagogas, precisamos pensar em um ambiente escolar que esteja preparado para acolher as diversas perspectivas de vida. Podendo assim, oferecer possíveis espaços para o convívio das diferenças sociais e culturais na relação família-escola.

## 2.5 LIGAÇÕES AFETIVAS NO ESPAÇO DE CONVÍVIO

Em seus estudos Vygostsky (1989) relata que o desenvolvimento da criança se dá por meio da interação, esta pode ocorrer por meio da linguagem e/ou atitudes. A mediação do educador, marcada como a relação entre os indivíduos e do indivíduo com o mundo, favorece a autonomia. Ao conduzir o caminho entre o que a criança traz consigo, o que já aprendeu e os objetivos imediatos e a longo prazo, o educador possibilita o amadurecimento concreto do indivíduo por meio do incentivo a realizar a busca do conhecimento. Sendo assim, agindo realmente como facilitador do processo em que está envolvido. Vygostsky (1989) nos remete a uma postura de mediação entre o professor e a criança e entre a criança e o saber.

Práticas de afeto é algo que faz parte da educação afetiva. A educação afetiva leva em conta as ideias e as opiniões das crianças, considerando que a criança é um ser capaz de opinar, de ter ideias e vontades. Muitas vezes paramos para escutar as crianças, mas não prestamos atenção no que ela fala e muitas vezes podemos aproveitar dessas opiniões para mediar a construção de conhecimento da criança.

Tendo como base a visão adultocêntrica que muitos adultos em meios escolar e familiar possuem, faz com que as crianças percam as possíveis mediações e a oportunidade de se pronunciar diante uma determinada situação. Todavia, isso vem acontecer pelo motivo de possuímos uma determinada percepção de criança e com isso achamos que ela não tem uma certa capacidade de opinar.

Sobre isso, Galiani (2013, p.37) relata que:

A concepção de criança é vivida e apreendida a partir das construções feitas pelos adultos, nas quais, muitas vezes, a criança não pode se defender, discursar ou falar de si mesma. Se pudéssemos dar voz às

crianças que estão nas casas, ruas, instituições, buscando a construção de sua própria história, é provável que elas nos relatem situações que envolvem sentimentos e sensações diferentes da perspectiva do adulto.

A educação afetiva é flexível, sabemos que tem valores que são inegociáveis como o respeito ao próximo e esperar a vez, situações essas que precisamos estabelecer, os pontos que devem ser considerados. Porém no restante das coisas podemos ser flexíveis, como no decorrer da situação deixar com que brinquem mais um pouco para depois realizar as atividades estabelecidas.

Nessa faixa etária, a criança consegue reconhecer que os responsáveis ao entregar para o professor, ficarão certo tempo sem vê-los, causando assim, certa insegurança. Por meio da empatia e a não negligência do professor com a criança, facilita a comunicação, contribuindo para que o sujeito conceba a sua própria identidade. Segundo Wallon (1968):

Através desta interação com o meio humano, a criança passa de um estado de total sincretismo para um progressivo de diferenciação, onde a afetividade está presente, permeando a relação entre a criança e o outro, construindo elemento essencial na construção da identidade.” (LEITE apud TASSONI, 2013, p. 05).

Em virtude do que foi mencionado trago uma vivência minha para confirmar que quando a criança se identifica ou cria uma afinidade com a professora, o relacionamento entre pedagoga e criança flui de uma forma rica. Enquanto professora da educação infantil estou disposta a sorrir muito, a chorar muito, a pegar piolhos e até de ser uma pessoa de confiança para uma criança. Para isso, preciso buscar entender o que ela passa e fazer com que ela se sinta tranquila ou até mesmo protegida quando está junto da minha pessoa. Lembrando sempre que no meu fazer pedagógico está incluso as minhas ações, e como somos constituídos de humanidade, devo exercer a minha função como pedagoga sempre dentro dos meus limites pessoais e profissionais.

Diante do exposto acima, permito mencionar uma situação que esboça apropriadamente a importância de uma educação afetiva e de um olhar sensível para as crianças: João é uma criança de 3 anos que está vivenciando o processo de separação dos pais. João sempre foi uma criança que atendia sem reclamar quando chamávamos, emprestava brinquedos para os amigos mesmo

ocorrendo alguma disputa por eles. Porém de uns meses atrás para os dias de hoje, ele tem reclamado cada vez que é chamado reagindo da seguinte forma: muito choro ou agressão com os colegas. Com isso passei a observar como vinha sendo o comportamento de João com os pais. Eis que abro meus olhos para algo que não tinha notado antes. Sua mãe quem levava para a escola e quem buscava eram seus avós ou seu pai, porém seus pais passaram a não ir mais juntos.

A instituição chamou os pais para uma reunião e ambos falaram que poderiam ir, porém em horários diferenciados. E foi a partir desse momento que começamos a olhar mais atenciosamente para o João. Seus pais foram para a reunião elaboradas em horários diferentes e ambos comentaram da separação, pediram desculpas pelo comportamento do filho e pediram o suporte da escola.

Como citado nas páginas anteriores, busco ter em minha prática pedagógica movimentos afetivos, fazendo com que a criança entenda que no momento quem vai cuidar dela sou eu. Com essa prática busquei entender o processo que João passava. Foram depois de tantas conversas, abraços e colos que a criança passou a mudar seu comportamento, porém não deixei de chamar a atenção quando fazia coisas erradas. A partir das leituras realizadas durante a graduação, consegui compreender que era possível buscar saber a situação que ele passava e chamar atenção quando ele iria agredir seus colegas ou jogava seus brinquedos no chão.

Diante dessa e de outras experiências, reflito sobre a minha prática pedagógica e percebo que não tenho como educar e cuidar das crianças, sem antes buscar entender um pouco de sua história. Pois acredito que “as relações entre crianças e adultos são plenas de carinho, compreensão, diálogo e principalmente amor.” (GALIANI ,2013, p.11).

Referente ao educar e cuidar na perspectiva da afetividade, Galiani (2013, p. 26) diz que:

[...] a relação cuidar- educar atrela-se aos aspectos constitutivos da teoria walloniana, pois envolve constantemente relações interpessoais entre os educadores e as crianças, ajudar o outro a se desenvolver, valorizar e desenvolver capacidades, e ainda, a busca pelo desenvolvimento integral, que depende tanto dos cuidados relacionais (dimensão afetiva) quanto dos cuidados biológicos (corpo e saúde).

Sendo assim, acredito que o cuidar associado ao educar é proporcionar situações de cuidados, de brincadeiras e aprendizagens. Com isso, conseqüentemente como pedagoga devo busca trazer em minhas práticas, meios que potencializam os conhecimentos, as habilidades e sobretudo, princípios para contribuir no desenvolvimento da criança.

### **3 AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Nesta seção serão desenvolvidos temas relacionados ao processo de ensino-aprendizagem na educação infantil, processo de ensino-aprendizagem com afetividade, a relação professora – criança.

A afetividade favorece o processo ensino-aprendizagem, pois quando é valorizada traz inúmeros benefícios. A professora se torna uma agente mais confiante, sensível e compreensiva. Muitas vezes a criança precisa apenas de um olhar diferenciado, para que possa ser compreendido. Para as crianças, o simples fato de sentir-se valorizado e respeitado como ser humano já aumenta sua disposição para aprender e cooperar com sua professora e seus colegas.

É importante ressaltar que existem outras situações e contextos que as vezes impossibilitam uma criança de explorar as suas potencialidades. Segundo Chalita (2001, p. 261):

O aluno tem de ser amado, respeitado, valorizado. O aluno não é uma tabua rasa, sem nada, em que todas as informações são jogadas. Não é um carrinho vazio de supermercado em que alguém coloca o que bem entende, e o carrinho vai aguentando tudo o que nele é jogado. Ao contrário, o aluno é um gigante que precisa ser despertado. Todo e qualquer aluno tem vocação para brilhar, em áreas distintas, de formas distintas, mas é um ser humano e como tal possui inteligência, potencial; se não for destruído pelos maus educadores, poderá produzir, crescer e construir caminhos de equilíbrio, de felicidade.

Apesar do autor se referir ao termo aluno e isso não estar presente na educação infantil, as questões que ele suscita também são de alta relevância para pensar esse processo. Vale ressaltar que a afetividade não está apenas no abraço ou carinho. Motivar a criança, reconhecer o seu esforço, valorizar o seu trabalho, mostrar onde está o erro, sem julgamento, é também uma forma de

afeto. A professora deve ser a agente motivadora dentro dos espaços de convívio, proporcionando um ambiente prazeroso, sendo sempre acessível quando a criança precisa de algo.

Existem situações em que essa profissional não possui condições de desenvolver isso. É importante lembrar que a professora faz parte de um sistema que engloba demandas, estrutura, além de ser um ser humano com diversas possibilidades de falhar. Sendo assim, a gestão educacional é importante para o funcionamento da instituição, oferecendo assim, uma boa assistência pedagógica as crianças e aos professores. Com isso é possível ter um ambiente mais acolhedor e fundamental para um bom desenvolvimento do trabalho.

### 3.1 RELAÇÃO PROFESSORA – CRIANÇA

No contexto de uma educação destinada a crianças pequenas, o papel da profissional mais presente não pode deixar de ser considerado. Há quem diga que a professora que exerce sua função na educação infantil esteja preparada somente para cuidar. Porém ao mesmo tempo que nós professoras cuidamos, também contribuimos com nossos valores, experiências e na difícil tarefa de melhorar a educação. Na visão de Galiani (2013, p.42):

O processo desenvolvido pelo professor deve buscar o reconhecimento das necessidades das crianças e considerar os diferentes níveis de desenvolvimento afetivo-cognitivo, para orientar adequadamente a ação educativa. Portanto, deve manter sempre bom relacionamento afetivo com seus pequenos para que a aprendizagem possa ocorrer de forma mais espontânea, principalmente, na educação infantil, pois as crianças deixam seu lar, suas famílias para ficar a maior parte do tempo na instituição.

Acredito na importância da existência da relação de afetividade na relação da professora com a criança. Acredito também que a afetividade é de suma importância para a educação e por meio dela é possível auxiliar a aprendizagem de qualquer criança. O processo de ensino-aprendizagem não acontece sem o outro, sendo assim, é importante que a professora como mediadora traga em sua prática pedagógica elementos da afetividade. Com isso, fazendo com que a criança se sinta segura daquilo que está fazendo e que

consiga de certa forma construir o conhecimento a partir de retornos positivos ou reconhecimentos, e não por meio de crítica ou repressão.

A partir do estágio obrigatório na educação em um núcleo municipal, público, foi possível perceber que as crianças que estão inseridas em uma instituição de educação infantil têm o pleno direito à infância, mas que muitas vezes, é possível perceber esses direitos negados. Vivenciei essa contradição de infâncias no desenvolvimento do meu estágio. Percebi que muitas crianças, desde tenra idade lidam com culturas da infância diversas. Muitas crianças se deparam com dificuldades de diferentes ordens que podem possibilitar negligências ao seu processo de vida, é possível perceber que algumas crianças são negligenciadas pela família, mas que mesmo assim, estão ali dentro, dando o seu melhor e contribuindo para o seu aprendizado. De acordo com Martins (1998, p.96):

A criança olha, toca, ouve, se move, experimenta, sente, pensa... desenha com o corpo, sorri com todo o corpo. Chora com todo o corpo, o corpo é ação/pensamento se dá na ação, na sensação, na percepção, sempre regado pelo sentimento, (...) sua criação focalizada a própria ação, os exercícios, a repetição.

Enquanto estagiária da educação infantil presenciei momentos em que crianças compareciam na escola chateadas com algo que aconteceu em sua residência, desde momentos de ver os responsáveis fazendo o uso de drogas até o momento de encontramos formigas em suas fraldas. Sob essa perspectiva é possível perceber que o direito de a criança ter uma fralda limpa ou até mesmo o direito de não vivenciar esses atos do mundo das drogas, foi negado. A cada dia que convivo com os pequenos, os meus olhos brilham, e a cada abraço deles o meu coração se acalma.

Por falar em coração calmo, um determinado dia cheguei na escola que atualmente trabalho e fiquei mais calada. Não interagi tanto com as crianças da turma, pelo motivo de estar em um dia daqueles que simplesmente queremos nos silenciar ou estamos com alguma dor. Portanto, deixei com que a outra professora ficasse mais à frente da turma, quando me deparei com uma criança de 3 anos em meus braços, olhando pra mim com um sorriso no rosto e a perguntar: “Prof Mari, tá tudo bem?”

Nesse exato momento meu coração acelerou e eu me percebi assustada com a situação. Então respirei fundo e falei “Sofia, a prof Mari está com dor, mas fica tranquila que eu vou melhorar.” Sofia me responde da seguinte forma: “Então me dá um abraço de urso bem apertadinho?” Eu simplesmente me entreguei naquele abraço e nesse exato momento foi possível confirmar que as crianças sentem e observam os nossos passos e o nosso jeito de se comportar diante das situações.

A partir dos meus conhecimentos adquiridos nas experiências escolares vivenciadas, entendo que é importante a existência da afetividade na relação professora/criança. Acredito que a afetividade é de suma importância para a educação e por meio dela é possível auxiliar a aprendizagem de qualquer criança. É possível dizer que as relações de afetividade constituídas entre professora e criança, tenham chamado minha atenção desde tenra idade.

Levando em consideração esses aspectos, relato uma prática pedagógica observada por mim. Prática essa que foi estabelecida em momentos que a docente se colocou na altura da criança, fazendo com que a conversa seja diante dos olhos dos pequenos. Após observar a cena, chamei a professora e perguntei o que levou ela a tomar essa atitude – olhar na altura da criança. Obtive como resposta que nesse exercício, a professora teve a ideia de que ela não precisa passar o “ar” de autoridade para que a criança escute e sim fazer com que os pequenos entendam o que precisa ser realizado em cada momento da sua rotina. A atitude e o discurso dela me possibilitou a reflexão das minhas práticas e fez com que eu buscasse ter como preceito da minha vida profissional o afeto.

A partir disso trago uma experiência vivenciada recentemente por mim e por uma criança de 5 anos, que atualmente reside com seus avós por conta de problemas familiares. Felipe frequenta uma escola particular (atual escola que trabalho) e são seus avós que pagam mensalmente o valor da escola. A criança está no Pré II e passa pelo processo de reconhecimento do som das letras. Um determinado dia fui ajudar Felipe na atividade e ele não aceitou me retrucando da seguinte forma: “Ai prof, eu não quero fazer”. Tentei conversar, explicando que a atividade era importante para ele, mas mesmo assim não obtive sucesso.

Os dias se passaram e a minha luta diária era contínua, buscava de todas as formas trazer Felipe para a atividade e depois de tanto esforço e

dedicação ele conseguiu criar um sentido para o momento da atividade. Felipe fez a atividade e me surpreendeu da seguinte forma: se despedindo com um abraço bem apertado, o sorriso no rosto e lindas palavras.

Chegamos ao final do ano letivo e Felipe vai se mudar. Eu estava na sala dos professores e de repente a criança chega com seus avós, me dá um abraço bem apertado, sorri e me fala: “Prof Mari, eu escrevi uma cartinha para você e agora já sei o som das letrinhas porque você me ajudou.” Essa frase foi simples para muitas pessoas, porém ela carrega um grande significado. A cada dia, as crianças transmitem para mim, que a minha prática como pedagoga, com um olhar sensível para eles, está sendo um belo amadurecimento diante de uma perspectiva pedagógica.

Sendo assim, trabalhar com afetividade na prática pedagógica, justamente na relação professora e criança é procurar saber lidar com as emoções e estarmos nos permitindo vivenciar um relacionamento tranquilo e também um relacionamento de conflitos. Pois, é importante ressaltar que os conflitos são importantes para a estrutura emocional de qualquer sujeito.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objeto de estudo selecionado para essa pesquisa se tornar concreta e viável, partiu do aprofundamento do tema afetividade na educação infantil com foco na relação de professora-criança. Tendo assim, como base o desenvolvimento infantil, que corresponde à faixa etária de três a cinco anos de idade, com o intuito de contemplar e interpretar a influência da afetividade nas relações estabelecidas dentro das instituições de educação infantil.

Por meio das minhas experiências observadas e refletidas tanto como criança ou profissional da educação, busquei identificar a presença da afetividade nas relações de interação entre a professora e as crianças, bem como também a contribuição da família para a afetividade. Por isso, a importância de pesquisar autores das teorias psicogenéticas como Henri Wallon e Lev Vygotsky, que estudam e afirmam a importância da afetividade no espaço educativo.

Sendo assim, considero a afetividade como tema central deste trabalho, sua presença é marcante durante todo o desenvolvimento humano, estando,

também, fortemente vinculada ao período em que a criança vivencia a fase escolar de sua vida. É importante destacar, que juntamente com a dimensão afetiva, as outras dimensões humanas (a cognitiva, a social, a cultural, entre outras) que fazem parte do desenvolvimento infantil estão interligadas, sendo assim, fazendo relação umas às outras, de um modo dialético como proposto pela teoria Walloniana.

Dessa forma, a partir das análises aqui realizadas, em busca de respostas para minhas indagações e inquietações pedagógicas, enquanto estudante do curso de pedagogia, venho ressaltar que a aprendizagem das crianças é importante. Por esse motivo percebo que nós, profissionais da educação precisamos buscar em nossas práticas pedagógicas meios em que as crianças consigam aprender, seja através de brincadeiras ou de alguma outra forma positiva para que a criança queira se relacionar com o outro e com o meio.

Os resultados dessa pesquisa visam contribuir na formação do professor de educação infantil, favorecendo a reflexão sobre a importância de sua mediação na construção das relações por meio da formação da criança pequena. Se faz importante ressaltar que a aprendizagem é algo particular na vida de cada um de nós, a afetividade é fundamental nesse processo de formação da criança. Ela vai para além do processo de aprendizagem, é algo que se constitui para a vida dessa criança, seus impasses, autoconfiança até a relação com o outro. A educação afetiva de um sujeito permite um cidadão diferenciado no mundo da cultura

Sendo assim, é importante a relação da família com a instituição de educação infantil, pois é preciso que a criança sinta que este espaço é um lugar que ela pode encontrar é um lugar que ela pode encontrar carinho, atenção e incentivo. Com isso, encontrando e utilizando meios para desenvolver a potencialidades e habilidades. Vale ressaltar que é fundamental o trabalho contínuo quando dentro de seus lares, pois a criança perceberá a segurança para expandir os conhecimentos ao decorrer do tempo

As constatações realizadas no decorrer da pesquisa nos deixam a certeza de que as práticas pedagógicas necessitam valorizar a dimensão afetiva de modo que acentue o papel das emoções no desenvolvimento humano, contribuindo na busca por uma educação mais humanista e emancipadora. Mediante esses pensamentos, apresento então, a importância de uma formação

profissional e a preocupação de nós professoras em planejarmos situações de mediação que favoreçam positivamente as dimensões afetiva e cognitiva, tendo em vista a concretização do processo de ensino e aprendizagem e do desenvolvimento.

Concluindo, julgo este trabalho extremamente importante para minha formação enquanto pedagoga, pois me permitiu pesquisar um tema que considero importante para o meu processo formativo. Ampliando assim, os meus conhecimentos e proporcionando novos olhares para uma educação de qualidade. Penso que é de grande importância, termos uma educação repleta de paciência e compreensão, pois temos em nossas mãos uma grande missão: a formação de um ser-humano que se encontra nos primeiros anos de sua vida.

Assim, percebo que é possível ampliar a pesquisa, buscando entender um pouco a importância da afetividade nos primeiros anos de vida, no sentido de compreender mais a seriedade da interação com o bebê. Para mim fica em aberto, a importância de desenvolver estudos sobre o valor e relevância que tem a possível forma de possibilitar para a criança, ambientes e momentos que ela possa desenvolver a criatividade e o aprendizado de forma lúdica, sendo assim, se socializando desde pequena.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **O que é afetividade? Reflexões para um conceito. Anais da XXIV Reunião Anual da ANPED**, 2001. Disponível em: [http://24reuniao.anped.org.br/?\\_ga=2.227047455.30928210.1575911738-1277648645.1575911738](http://24reuniao.anped.org.br/?_ga=2.227047455.30928210.1575911738-1277648645.1575911738). Acesso em: 10 nov. 2019.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Wallon e a educação. In: WALLON, Henri. **Psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2000.

AMARAL, Juliana. **Entendendo a diferença entre afeto, emoção e sentimento**. 2019. Disponível em: <http://www.julianaamaralpsi.com.br/index.php/artigos/10-in-neque-arcu-vulputate-vitae>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

BASTOS, Maria Ivanilda; PEREIRA, Sônia Regina Silva. **A Contribuição de Vygotsky e Wallon na compreensão do desenvolvimento infantil**. *Vygotsky's and Wallon's Contribution to the understanding of childhood development*. Revista Linhas, v. 4, n. 1, 2007.

BRASIL. **Lei das Diretrizes e Bases – LDB Nº 9394/1996**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 22 out 2019.

CERIZARA, Ana Beatriz. **Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil?**. Perspectiva, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 11-22, jan. 1999. ISSN 2175-795X. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10539>>. Acesso em: 31 jan. 2020.

CHALITA, Gabriel. **Educação – a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

CONSONI, Fátima Simone. **Ser criança no século XXI**. 2019. Disponível em: <https://fundec.edu.br/unifadra/noticia/2787>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GALIANI, Simone da Silva. **A afetividade nas práticas pedagógicas: atitudes e expressões verbais nas interações professora-crianças, sob a perspectiva de Henri Wallon**. 2013. 113 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/113817>>. Acesso em: 3 jan. 2020.

GASPAR, Fabíola Mansur Polito; ABREU, Elise Haas de. **Limites na educação de crianças: desafios e possibilidades sob uma perspectiva gestáltica**. Revista do NUFEN, v. 10, n. 2, p. 144-164, ago. 2018. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912018000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000200010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 17 dez. 2019.

HADDAD, Lenira. **Um novo paradigma de integração do cuidar e educar**. In: Revista Pátio Educação Infantil. Ano1, nº1, p.16-19, abril/julho, 2003.

KOCHHANN, Andréa; ROCHA, Vanessa Amélia da Silva. **A afetividade no processo ensino-aprendizagem na perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon**. 2015. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/semintegracao/article>. Acesso em: 30 nov. 2019.

LARROSA, Jorge. **Tremores Escritos sobre experiência**: Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015

MARTINS, Mirian Celeste F. Dias (Org). **Didática do ensino e da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD,1998.

MONROE, Camila. **Vygotsky e o conceito de aprendizagem mediada**. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/274/vygotsky-e-o-conceito-de-aprendizagem-mediada>. Acesso em: 02 dez. 2019.

RABELLO, Elaine T.; PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. 2010. Disponível em: <https://josesilveira.com/wp.../07/Artigo-Vygotsky-eo-desenvolvimento-humano.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

TASSONI, Elvira Cristina Martins; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana**. Educação, v. 36, n. 2, p. 262-271, 2013.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: M. Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. Psicologia, v. 153, p. V631, 1989. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2020.

VIGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: M. Fontes, 1996.

YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo e awareness**: ensaios em Gestalt-terapia. Summus Editorial, 1998.

ZENI, Talita Marchioro. **A construção de limites através dos vínculos afetivos**. 2012. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1626/TCC.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 dez. 2019.